

Novos dados para a história do Futurismo em Portugal

Patrícia de Jesus Palma*

A 2 de Fevereiro de 1909, o *Figaro* publicou o documento fundador de um novo movimento literário, «Fundação e Manifesto do Futurismo», assinado por F.-T. Marinetti, director da Revista *Poesia*. Tratava-se de um documento incendiário, provocatório e agressivo que correu o mundo.

O seu tom revolucionário permitiu, nomeadamente em Portugal, que fosse lido como uma «*blague* carnavalesca», cuja data de lançamento, «nas antevésperas de Domingo Gordo»¹, justificava. Quem assim se exprimia era Xavier de Carvalho, correspondente do *Jornal de Notícias* em Paris, que, a 6 de Abril de 1909, comentando a peça de Marinetti «O Rei Bombance», reafirmava: «O público recebeu a peça de Marinetti à gargalhada, como já tinha recebido com troça o programa dessa escola literária do Futurismo que o *Figaro* lançara também (segundo todos o creem) por brincadeira.»²

Não obstante, Xavier de Carvalho apenas noticia o aparecimento do *Manifesto*, fazendo pequenas citações que legitimam a sua perspectiva sobre o assunto.

Será Luís-Francisco Bicudo quem, de Génova, remeterá ao *Diário dos Açores* a tradução integral do *Manifesto* e da Entrevista de Marinetti, na qual o autor esclarecia algumas das afirmações mais polémicas do texto. Bicudo declarava: «O *Diário dos Açores* é um dos primeiros, senão o primeiro jornal que apresenta aos seus leitores a nova escola de poesia.»³

¹ CARVALHO (27/II/1909).

² Id. (6/IV/1909).

³ BICUDO (5/VIII/1909).

Em 1981, Pedro Silveira, recenseando a recepção que o Futurismo tivera em Portugal no ano do seu documento fundador, afirmou: «O que adiante se reúne, colhido no *Jornal de Notícias* do Porto e no *Diário dos Açores* de Ponta Delgada, é tudo quanto na imprensa portuguesa em 1909 foi notícia de ter nascido em Paris, e tendo por pai F.-T. Marinetti, o Futurismo.»⁴

Felizmente, na investigação, nada é definitivo e, por isso, estamos agora em condições de rever esta afirmação, trazendo à liça novos dados para a história do Futurismo em Portugal⁵.

Quatro dias antes do *Diário dos Açores*, a 1 de Agosto de 1909, em Tavira, cidade berço de Álvaro de Campos, o jornal *O Heraldo* («Antigo *Jornal de Anuncios*») dedicava o seu artigo de fundo a «O FUTURISMO». Assinou-o Ribeiro de Carvalho, que entre observações pessoais, cita grande parte do *Manifesto* e da Entrevista, que Luís-Francisco Bicudo viria a publicar na íntegra. Não há, no entanto, nenhuma relação entre os textos dos dois redactores, a não ser naturalmente o seu objecto.



O Heraldo («Antigo “*Jornal de Anuncios*”»)
Fonte: BNP J. 4020G.

Ribeiro de Carvalho apresenta a nova escola num tom irónico; reconhece-lhe a força: «São estas as musas

⁴ SILVEIRA (1981: 90).

⁵ Cf. PALMA (2008: 136-142).

inspiradoras da nova escola, que pretende tornar os poetas em homens glorificados pela sua acção fecunda na vida, elevando-se com ela», mas considera-a «uma simples fantasia de poetas».

O texto inicia-se com a referência à origem geográfica da nova ideia:

chega da Italia, da lyrica e progressiva Milão, com as vibrações de um clarim de guerra, com todo o colorido estranho de um combate á luz crua e ardente do sol dos trópicos e não com a suavidade lendária do radioso ceo da velha terra itálica.

De que se trata? Apenas de uma nova escola literária, á qual o seu creador chamou *O Futurismo*. E, sendo uma escola poética, dá agora a volta ao mundo, não de lyra trovadoresca sobre o peito, mas de coura e montante, viseira descida sobre o rosto homérico e fatal...

Depois da tradução de várias passagens do *Manifesto* e da Entrevista, como se pode ler na imagem abaixo, Ribeiro de Carvalho ironiza:

Dar um beijo em uns lábios inspirados de poeta, para o ouvir cantar em seguida a buzina de um automóvel... Só por uma ironia capaz de empallidecer as estatuas que pelos muzeus tivessem escapado á fúria evangelizadora da nova horda poética...

Quem assim falava era Joaquim Ribeiro de Carvalho⁶, poeta desde os 15 anos⁷, a quem Abel Botelho considerava aos 19 ter reatado «a boa tradição renovadora de António

⁶ Nasceu a 7/IV/1880, em Arnal, freguesia de Maceira, concelho de Leiria. Aí fez os seus estudos, com uma passagem pelo Seminário, que abandonou em 1896 para se dedicar ao jornalismo. Faleceu em Lisboa a 10/X/1942.

⁷ O primeiro livro do autor intitula-se *Livro d'um sonbador*, Leiria, Tip. Guedes, 1897.

Nobre e Junqueiro, por uma fruste legião de mediocres imitadores deploravelmente interrompida.»⁸ e Júlio Dantas classificaria como «um dos modernos mestres do soneto português»⁹

O FUTURISMO

Todas as ideias extravagantes eram atribuídas até agora á America do Norte. Vinha-nos de longe, com um accentuado sabor aquelle modernismo que distingue espirito inventivo e insatisfeito do *gambes*. Mas esta ideia, agora chega da Italia, da lyrica e progressiva Milano, com as vibrações de um clamor de guerra, com todo o colorido estranho de um combate á luz crua e ardente do sol dos trópicos e não com a suavidade lendosa e radiosa ceo da velha terra italiana.

De que se trata? Apenas de uma nova escola literaria, á qual o seu creador chamou *O Futurismo*. E, sendo uma escola poetica, dá agora a volta ao mundo, não do lyra trovadoresca sobre o peito, mas de couro e montante, viajaira desceida sobre o rosto heroico e fatal...

Devem temer de horror, nos seus velhos balcões floridos, as bellas estúpidas de Laura e de Beatriz, de Natércia e de Leonor, de todas as musas da antiga escola do Amor e da Ilusão—como se os madrigaes do novo paladino viessem forçados um futuro inclemente em vez de tocoucões de margaridas e saudades.

E' que a nova escola literaria traz nas suas vermelhas do seu corcel de torção—a guerra, a audacia, o valor, a revolta, a temeridade, os impulsos destruidores, como se toda a belleza suprema residisse na luta e na violencia e deixando para traz o encanto das illusões, a immobillidade pensativa e o estase e o sonho.

Para esses novos prophetas, é indispensavel abrir as portas mysteriosas do Impossivel. O Tempo e o espaço movem-se hontem. Vivemos já no eterno absoluto, por que já cremos a eterna rapidez omnipresente. E, assim, a sua poesia é um assalto violento contra as forças ainda desconhecidas, para as obrigar a dobrar-se perante o homem.

Querem glorificar a guerra, unica hygiene do mundo, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarchistas, as bellas ideias que matam o desprezo pela mulher—musa eterna agora despenhada do Olimpo por esses novos titans.

Mais ainda: querem destruir os museus e, as bibliothecas, combater a moral e o feminismo, todas as cobardias, estafim, oportunistas e utilitarias. Querem cantar o prazer e a revolta, as grandes multiplaes agitados pelo trabalho, os turbilhões multicores e polyphonicos das revoluções nas capitales modernas, as vibrações nocturnas dos aresmas das pedreiras sob as violentas luzs electricas, as estagões das linhas ferreas devoradoras de serpentes fumegantes, as fabricas suspensas das nuvens po-

cordas de fumo, os navios aventureiros correndo no horizonte, as locomotivas de peito vigoroso que relinham pelos carris como se fossem enormes corceis de aço com rédeas de longos tubos e vãos dos aeroplanos cujas hélices tem algurias de bandeiras e applausos de multidão entusiastica. A rapidez diabólica dos autos galgando o espaço, semelhantes a serpentes de alentos explosivos...

Não estas as musas inspiradoras da nova escola, que pretende tornar os poetas em homens glorificados pela sua acção fecunda na vida, elevando se com ella.

Não sabemos o que a Italia pensa d'esta nova phalange, surgida agora em Milano e capitaneada por Marinetti, o poeta da *Cidade Central*. Mas o manifesta, com que expuzeram ao mundo a sua doutrina, di hoje volta á Europa, violento e incendiario...

—Muscus, ceniterios...—bradam elles, sacudindo o reino, que julgam adormecido.—A Italia tem sião, por demasiado tempo, uma grande mercado de antiquarios. Queremos livrar da sua gangrena de professores, de archeologos, de cicerones, de velharias. Admirar um velho quadro é derramar a nossa sensibilidade em uma urna funeraria. A frequencia quotidiana dos museus, das bibliothecas e das academias—esses comiterios de esforços perdidos, esses calvarios de sonhos sacrificados...—é para os artistas o mesmo que a prolongada intella paterna é para a juventude, esclarecida, fôria de talento e de ambição.

O Futurismo, é, pois uma doutrina que só venera o instinto, é uma forma de anarchia. Marinetti, o seu Meusias, quer que o individuo se desinvolva livremente, sem ser encrevado por influencias anacronicas ou limitado por exigencias de moral.

E o amor? O amor, para os futuristas é apenas um freio estúpido. E' uma tyrannia que enterra as forças dos grandes creadores e dos homens de acção. As canções que falam em beijos de amor, por noites lauzentas e tristes—o que dizem dos futuristas os noivos triananas do Choupal!—devem ser substituidas por odes violentas de audacia, cantando os sitios das locomotivas, os gritos alarmantes dos automoveis, o ruido metallico das armas de guerra em carnificinas heróicas.

O gesto destruidor do anarchista—exclama o *leader* do futurismo—é honra de Vaillant, não preferir-se á cobardia do burguez que se roja no momento do perigo ou ao egoismo inepto do aldeão que se mutila para não ir servir o seu paiz.

—E a guerra?—perguntam-lhe—Desejar e cantar as grandes carnificinas é recuar ás épocas do barbarismo.

—Sim—diz Marinetti—Mas é uma questão de hygiene superior a todas as outras considerações.

Os povos devem seguir um tanta hygiene da heróismo, tomar, em dos os seus glorioso ducho de sangue.

Assim fala o propheta... Se a nova escola passasse dia de uma simples phantoms, adeus sonhos de odes saudades e illusões, thercias de labios sempre ai de tímidos corações sempre dores—melhor seria que se gullida a terra por uma nova hygiene. De um beijo labios inspirados de poeta, ouvir cantar em seguida a de um automovel... Não po ironia capaz de fazer capçal as estatuas que pelos muz vessem escapado á furia vedora do nova horta poetica

Heitor de Carr

PESSOAL ADIANE!

Tendo adoecido o chefe legação aduaneira d'esta cidade José Joaquim F. S. Soares, carregado de o vir substituir piritico da delegação de Villor, Manoel Pessoa Abaim, quarta feira tomou posse e ficou logo...

—Chegou na terça feira Real de Santo Antonio e mesmo... *duz tomou posse*, e cargo, o Sr. aspirante das n. gen. sr. Manoel Pessoa Abaim, filho do medico militar sr. F. Soares, e que foi mandado por scição na delegação adu. d'aquella villa.

Inspecções ás recebidas

Além dos funcionarios citamos e que se encontraram em serviço especial lances e inspecções ás recebe tambem se encontram n'esta villa e no mesmo mister o Luiz Pereira d'Albuquerque neel Augusto da Silva, em dos fazendeiros sarvidno na pecção Geral do Thezouro.

Carreira do tiro em T

Na ultima *Ordem do Exército* publicada a seguinte portaria:

Torrandose necessario der á appropriação de 20350 tres quadros de terreno e ganhos olivieiras, pertencente fono Joaquim Peres, situaçao local do Mareo, freguezia de sa Maria, concelho de Tavira trico de Faro, e que unifron lo norte e puelle com terreno proprietario, pelo sul com renos d'elle e com a estrada nacional da Assens e pelo n. com terreno do mesmo projeto e com o caminho que vai a terra terreno em que já se estabelecida uma carreira de com diversas edificações p. cenes ao ministerio da que que conven applicar definitivamente ao mesmo terreno a concessão concedida ao meu p. no pelo n. de 1890, em 1.º de tembro de 1890; hei por ben clarar de utilidade publica a a prição do referido terreno, e indicado fim.

E' escusado encarecer esta resolução do governo e senta de vantagens, porque que assim vai ser uma das n. ruz carreiras de tiro do paiz.

⁸ BOTELHO (1906 [1899]: 19).

⁹ DANTAS (1918: 7).

Mas não foi a faceta de literato aquela que mais notabilizou Ribeiro de Carvalho: entre a poesia e a tradução¹⁰, Ribeiro de Carvalho tem sido recordado principalmente como herói da República e como jornalista. Em 1897, colaborou no primeiro jornal republicano que foi dado à estampa em Leiria, *A Integridade*, data a partir da qual espalhou colaboração por grande parte dos periódicos do país, de Norte a Sul e Ilhas.

A sua actividade em prol da República tornou-se incessante. Participou activamente na revolução de 5 de Outubro como aliciador junto do pessoal dos eléctricos e, no dia 5, proclamou a República Portuguesa na varanda dos Paços do Concelho de Lisboa. Em 1911, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo de Leiria e sucessivamente reeleito até Maio de 1926, com excepção do período Sidonista (Dez./1917-Dez./1918). Ainda em 1911, criou com António José de Almeida o Partido Evolucionista e o jornal *O Radical* (Leiria), órgão do mesmo partido, do qual era editor e proprietário. Pertenceu aos Partidos Republicano Português, Evolucionista, Nacionalista e de Acção Republicana. Foi iniciado na Maçonaria também no ano de 1911: primeiro no triângulo n.º 143 de Erra (Coruche), com o nome Liberto, depois passou para a loja *Evolutiva* (1911), também de Coruche, e, finalmente, para as lojas *Acácia* (1929) e *Cândido dos Reis* (1933), de Lisboa. Foi membro activo da Carbonária¹¹.

Entre toda a sua profícua actividade jornalística, destaca-se o período em que dirigiu o jornal *República* de 1921 a 1924 e depois de 1930 a 1941, que o seu amigo

¹⁰ Traduziu J. Rameau, A. Hamon, Zola, Castorrojo, Louis Boussenard, Bossi, Maupassant, Shunsuy, Gustave Molinari, Tolstoi, Maximo Gorki, Octave Mirabeau, Blasco Ibañez, Cutulle Mendés, Perez Galdós, Paul Bourget, Flaubert, Balzac, para apenas citar alguns.

¹¹ Cf. MARQUES (1986: 288).

António José de Almeida havia fundado e por cuja memória, em 1930, Ribeiro de Carvalho reanimou.

Nos diversos textos biográficos consultados acerca de Ribeiro de Carvalho não encontrei, contudo, em nenhum deles, referência à sua colaboração no jornal *O Herald* («Antigo *Jornal de Annuncios*») (1901-1912) de Tavira, colaboração essa constante e muito significativa¹².

Que relações trariam Joaquim Ribeiro de Carvalho a Tavira?

É o que tentaremos deslindar em seguida.

O Herald foi um jornal de vida longa, ao contrário da maior parte dos jornais de província, cuja principal marca é a efemeridade. Foi fundado sob a designação *Jornal de Annuncios*, em 1883, por João Daniel Gil Pessoa, primo em segundo grau de Fernando Pessoa. Este tavirense¹³, visto como «grande empreendedor a quem Tavira deve as mais arrojadas e florescentes das suas empresas industriais»¹⁴, inaugurou a actividade tipográfica em 1882, fundando a Tipografia Burocrática¹⁵, e a periodística em 1883.

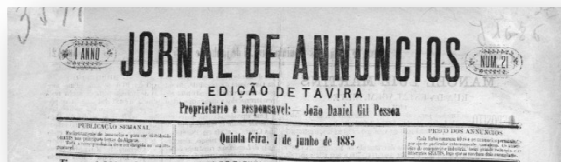


João Daniel Gil Pessoa
Fonte: *O Herald*, n.º 1054,
11/IX/1902)

¹² Sobre Joaquim Ribeiro de Carvalho, veja-se: MARQUES (1986); SOUSA, VINAGRE e NOBRE (2004); TRIGO e BAPTISTA (2005) e <http://arepublicano.blogspot.com/2007/12/joaquim-ribeiro-de-carvalho-1880-1942.html>.

¹³ Nasceu a 14/VIII/1854 na freguesia de Santa Maria e faleceu a 06/09/1902 na rua de S. Braz da mesma freguesia. Foi a enterrar no cemitério do Carmo. Era filho de João Paulo de Araújo Pessoa (natural de Santa Maria, Tavira) e de Maria José da Natividade Gil Carneira Pessoa (natural de Carcela, Vila Real de Santo António). Casou com Júlia C. Pessoa.

¹⁴ *O Herald*, n.º 1054, 11/09/1902, p. 1.



Jornal de Anuncios; Fonte: BNP, J. 1687 27.

Profissionalmente, era escrivão da comarca de Tavira, o que o terá motivado para o estabelecimento da oficina e a criação do jornal que se destinava principalmente aos anúncios oficiais das comarcas e das câmaras¹⁵.

Amante do progresso, Gil Pessoa foi também mestre da profissão e um altruísta, como lembrou o jornalista Caldeira Rebollo:

«Escrivão de direito, por largo período, nesta comarca, o seu maior orgulho d'esse tempo consistia na gratidão com que hoje bem dizem do mestre, quasi paternal, os seus escreventes, ao depois colegas em várias comarcas do paiz (...).

João Pessoa introduziu nesta cidade a luz de um progresso, que é hoje indubitavelmente a mais bela força das civilizações modernas – a imprensa. Fundou o *Jornal de Anuncios*, convertido actualmente no mais bem redigido periódico de provincia que eu conheço.

Adoeceu com a terrível tuberculose um dos seus typographos; e João Pessoa conservou-lhe os salários e

¹⁵ A oficina foi montada na Rua Borda d' Água Aguiar, n.ºs 5 e 7 (actual rua Jacques Pessoa) e depois foi deslocada para a Rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11 (actual Rua Alexandre Herculano), onde já se encontrava no ano de 1900.

¹⁶ J. Daniel Gil Pessoa diligenciou nos concelhos de Loulé, Portimão, Lagos e Cuba a edição de jornais semelhantes, de que era co-proprietário, garantindo por esta forma trabalho seguro para a sua oficina.

socorreu o infeliz, com todos os desvelos da sua caridade bem illuminada.»¹⁷

Cerca de 1896, João Daniel Gil Pessoa vendeu a tipografia e a propriedade do jornal a José Maria dos Santos¹⁸, que o conduziu até ao n.º 965, de 27/XII/1900; nesta data, devido a desentendimentos com a comarca de Tavira, o jornal foi interrompido para dar lugar a um novo de cariz noticioso e cultural, que saiu com o n.º 966, *O Herald* («Antigo *Jornal de Annuncios*»)¹⁹, e se publicou entre 3 de Janeiro de 1901 e 25 de Fevereiro de 1912²⁰.

¹⁷ *O Herald* (11/IX/1902: 2). O autor destas palavras foi o jornalista e chefe da 1.ª repartição de instrução pública do Ministério do Reino, João Augusto Caldeira Rebollo (1854-1926), que acabara de chegar a Tavira, vindo de Lisboa, para uma visita a João Pessoa, de quem era especial amigo. A visita transformou-se, porém, «em piedosa romaria fúnebre» e Caldeira Rebollo apenas pôde abraçar Gil Pessoa com palavras de homenagem à beira da sua sepultura, pois Gil Pessoa falecera no dia anterior à sua chegada.

O Herald prestou-lhe sentida homenagem e publicou não só o discurso completo de Caldeira Rebollo, como também o único retrato que João Pessoa possuía, tirado na sua juventude, que aqui reproduzimos.

¹⁸ Nasceu em 1850 e faleceu em Tavira a 23/08/1921. Casou com Maria do Sacramento Santos e eram seus filhos Maria Catarina Santos, António Crisóstomo Santos, José Maria dos Santos Júnior e Eduardo José dos Santos.

José Maria dos Santos foi o fundador da Tabacaria, papelaria e livraria Popular e o segundo proprietário da Tipografia Burocrática e do *Jornal de Annuncios*, que em 03/01/1901 se converteu n.º *O Herald*. Colaborou nos jornais de que foi proprietário, assim como na maioria dos que se publicaram em Tavira. Desempenhou vários cargos nas Confrarias de Santo António de S. Francisco, na Misericórdia de Tavira, no Hospital do Espírito Santo e no Montepio Artístico Tavirense.

¹⁹ A designação *Herald* era à época dada pelo povo, como narra o director: «Há-de julgar muita gente que o pomposo nome que ora vem substituir o antigo *Jornal de Annuncios* se deve à arrogante prosápia de qualquer de nós, que sem escrúpulos pela boa razão das



José Maria dos Santos

Fonte: Arquivo Municipal de Tavira

O Heraldo reuniu à sua volta o escol intelectual da região e foi uma verdadeira escola jornalística e literária para os mais novos. António Crisóstomo dos Santos²¹, filho do director do jornal, foi um dos prin-

coisas, quisesse dar a um simples de província o nome de que usa o mais importante dos jornais do mundo.

Puro engano. Este segundo baptismo do nosso hebdomadário foi o povo que o fez, esse povo sincero e folgazão que tende a crismar tudo nos mais felizes momentos da sua habitual ironia. Era ele que às quintas-feiras enchia o nosso estabelecimento em procura do “Heraldo” e só ele pode gabar-se da autoria do novo título.» N.º 966, 03/I/1901.

²⁰ Nesta data foi vendido, assim como a tipografia, aos republicanos Carlos Augusto Lyster Franco e João Pedro de Sousa que os instalaram em Faro e aí iniciaram uma nova fase para *O Heraldo* subintitulado «Bi-Semanário Republicano Democrático», órgão do Partido Republicano Democrático, que viria, em 1917, a abrir a secção dedicada aos poetas futuristas, «oficializando» o movimento futurista em Portugal, como tem sublinhado Neto (2009: 178-195).

²¹ Nasceu a 27/01/1878 em Tavira e morreu a 14/02/1951, em Lisboa. Profissionalmente foi funcionário das finanças, chegando a secretário do Ministro da Justiça, o Dr. Manuel Rodrigues (1926).

A par da profissão de funcionário público, António Crisóstomo dos Santos sempre se dedicou à poesia e ao jornalismo. Depois da experiência de *O Heraldo*, que lhe valeu o reconhecimento na imprensa de Lisboa, fundou com os poetas Bernardo de Passos e José Dias Sancho o semanário *Correio do Sul* em Faro (01/II/1920), cuja direcção abandonou quando foi chamado a desempenhar as funções de secretário de ministro da justiça.

Em Lisboa, colaborou no *Diário da Manhã*, n.º *A Situação*, na *República* e no *Diário de Notícias*. Neste último, teve a seu cargo a secção «Vida Artística» e a crítica cinematográfica.

Utilizou, ao longo da sua vida, os pseudónimos CHRYSO n.º *O Heraldo*, João Triste no *Correio do Sul* e Antonito nos jornais de Lisboa.

cipais animadores, dedicando-se vida fora ao jornalismo a par da sua principal actividade profissional.

Amigo íntimo de João Lúcio, de José Francisco Teixeira de Azevedo e de José Ribeiro Castanho, todos praticamente da mesma idade e estudantes de Direito na Universidade de Coimbra (à excepção de António), fundou com eles o jornal literário *O Reyno do Algarve* (Tavira, 13/08-05/XI/1899), onde publicaram textos seus, assim como dos poetas Bernardo de Passos, Bartolomeu Salazar Moscoso e Teixeira de Pascoaes, então colega de curso. Foi talvez o prelúdio d' *O Herald*o.

Quando em 1901, *O Herald*o foi dado à estampa, António Santos assumiu a direcção do periódico e imprimiu-lhe uma feição literária, empenhando-se por dar aos seus leitores colaboração inédita. O desígnio que o acalentava não teve obstáculos: no Algarve, os Santos mereciam a estima dos escritores, poetas e jornalistas que de há muito recorriam à Tipografia Burocrática para dar à estampa os seus textos e, em Coimbra, António Santos contava com a prestimosa colaboração do poeta João Lúcio e de Teixeira de Azevedo, espécie de sucursal d' *O Herald*o na cidade dos estudantes.

Em Coimbra, os jovens algarvios colaboravam na imprensa local e em jornais como a *Ave Azul* (Viseu) ou *O Campeão* (Porto), para onde Joaquim Ribeiro de Carvalho também enviava os seus textos.

Não conheço a circunstância exacta que pôs Ribeiro de Carvalho em contacto com este grupo de estudantes, embora creia que a comum actividade literária e jornalística tenha promovido a natural confraternização.

A 7 de Março de 1901, *O Herald*o abriu as páginas a um «Torneio Litterario», tendo em Coimbra e no Porto dois responsáveis pelo concurso: João Lúcio e António Carvalho, respectivamente. A 4 de Julho publicou o resultado, a fotogravura, a biografia e uma recensão aos

livros do vencedor: Joaquim Arnal Ribeiro de Carvalho²², que havia vencido com 41 votos, a maioria enviados de Coimbra. Estava assim dada a entrada «vitoriosa» de Ribeiro de Carvalho n' *O Heraldo*.

A partir de então, a colaboração do poeta e jornalista passou a ser constante, aqui convivendo com poetas algarvios e outros, que recheavam as colunas d' *O Heraldo* com os seus textos inéditos: Bernardo de Passos, Maria Velleda, Cândido Guerreiro, Carlos Lyster Franco, Ludovico Caetano de Meneses, Marcos Algarve, Manuel Teixeira Gomes, Laurinda Seritram, Joaquim Rodrigues Davim, Bartolomeu Salazar Moscoso, Jaime Quirino Chaves, Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, João Lúcio, Ribeiro Castanho, Teixeira de Azevedo, Abel Botelho, Raul Proença, Augusto de Castro, Augusto Gil, Júlio Dantas, entre outros.



Joaquim Ribeiro de Carvalho
Fonte: O Heraldo, n.º 992, 4/VII/1901

²² O nome do vencedor surge, por lapso, com «Arnal», visto Ribeiro Carvalho ter concorrido com o pseudónimo Joaquim Arnal, como se sabe, local de nascimento do poeta.

Simultaneamente, em Lisboa, abria-se outro periódico à colaboração inédita «dos mais notáveis escriptores portugueses»: *A Chronica* («Revista Illustrada e Litteraria»), dirigida pelo jornalista Luiz da Silva. Aí, encontrámos a mesma família espiritual que participava n' *O Herald*: Maria Velleda, João Lúcio, Ribeiro de Carvalho, António Correia de Oliveira, Augusto de Castro, Augusto Gil... E, em Fevereiro de 1902, pouco depois de Ribeiro de Carvalho ter assumido a direcção desse periódico, o poeta e jornalista homenageia o colega de Tavira, António Santos, publicando-lhe o retrato e afirmando tratar-se de «um novo cheio de alma e talento» cuja participação é desejada na *Chronica*. António Santos respondeu ao apelo e



António Crisóstomo dos Santos
Fonte: *A Chronica*, n.º 59, fev./1902

passou a enviar as suas produções inéditas para a *Chronica*.

Estava estabelecido o diálogo e a amizade, o espaço de fermento de ideias que as redacções dos jornais propiciavam e fortaleciam, fomentando as trocas recíprocas. Espaço onde a, por vezes, redutora dicotomia centro/periferia e suas derivadas actualidade/atraso, produção/reprodução – não encon-

tram terreno fértil.

Para além da literatura, os ideais, como a República, a Democracia, a Justiça e a Solidariedade eram valores comuns à maior parte do grupo de colaboradores destes periódicos editados quer na capital, quer na província. *O Herald* de Tavira foi então um órgão atento às novidades políticas e culturais, um espaço de convívio espiritual e de

partilha, que acolheu e divulgou não só a modernidade nacional, mas também a europeia, plantando aqui a semente – que viria afinal florescer no tavirense Álvaro de Campos – da primeira vanguarda do século XX: o Futurismo.

Quando em 1917, também no Algarve, Carlos Augusto Lyster Franco abriu as colunas do novo *Heraldo* aos futuristas, aqui colaborando Carlos Porfírio, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, para apenas referir os nomes mais emblemáticos, o seu gesto não foi inédito; mas oficializou a «fantasia de poetas» que Ribeiro de Carvalho anunciara na primeira página do *Heraldo* de Tavira, a 1 de Agosto de 1909.

Bibliografia citada:

Livros e jornais

BICUDO, Luis-Francisco (1909), *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 5/Ago.

BOTELHO, Abel (1906), «A poesia moderna», in CARVALHO, Ribeiro de, *Dolores*, 2.^a ed. (1.^a ed., 1899), Lisboa, A Editora.

CARVALHO, Xavier de (1909), *Jornal de Notícias*, Porto.

A Chronica («Revista Ilustrada e Litteraria»), Lisboa, Abr./1900-Ago./1906.

DANTAS, Júlio (1918), «Uma carta de Júlio Dantas», in CARVALHO, Ribeiro de, *A Eterna Canção: Canção do amor, canção eterna...*, Lisboa, Typographia Internacional.

O Herald («Antigo *Jornal de Annuncios*»), Tavira, 03/I/1901-25/II/1912.

MARQUES. A. H. de Oliveira (1986), *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*, vol. I, A-I, Lisboa, Editorial Delta, col. 288.

NETO, Teodomiro (2009), «O “Futurismo” oficializou-se em Faro com O “Heraldo”», *Anais do Município de Faro, 2005-2008*, vol. XXXV, Faro, Câmara Municipal, pp. 178-195.

PALMA, Patrícia de Jesus (2008), *A produção literária impressa no Algarve durante os séculos XIX e XX*, Lisboa, FCSH-UNL, 2 vols. Dissertação de mestrado.

SILVEIRA, Pedro (1981), «O que soubemos logo em 1909 do Futurismo», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1 (1), pp. 90-103.

SOUSA, Acácio de, VINAGRE, Ana Bela e NOBRE, Cristina (coord.) (2004), *Dicionário dos Autores do Distrito de Leiria: actualização ao século XX*, com fac-símile da edição de 1979, Leiria, Magno, pp. 810-813.

TRIGO, Jorge e BAPTISTA (2005), Luís Miguel, *Ribeiro de Carvalho: um republicano com alma de sonhador*, Lisboa, Sete Caminhos e Câmara Municipal de Sintra.

Artigo na internet

M.[ARTINS] J.[osé] M., «Joaquim Ribeiro de Carvalho (1880-1942) – nota breve», *Almanaque Republicano*, 16/04/2010 <<http://arepublicano.blogspot.com/2007/12/joaquim-ribeiro-de-carvalho-1880-1942.html>>.

* Doutoranda em Estudos Portugueses – História do Livro e Crítica Textual, na FCSH-UNL, realizando a sua investigação em torno da formação da cultura literária em espaço periférico (Algarve: 1820-1920). O projecto é apoiado pela FCT e é desenvolvido no âmbito do grupo de investigação «Livro e Leitura» do Centro de História da Cultura. Colaboradora do IEMO.